

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E BIOLÓGICAS
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA, TURISMO E HUMANIDADES
CURSO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA

**TERRITORIALIDADE DA CULTURA CAIPIRA NA FESTA DO MILHO
VERDE EM CAPELA DO ALTO-SP: DIMENSÃO SIMBOLICA E
MODERNIDADE**

Andressa Maria de Oliveira

Sorocaba
2025

ANDRESSA MARIA DE OLIVEIRA

**TERRITORIALIDADE DA CULTURA CAIPIRA NA FESTA DO MILHO
VERDE EM CAPELA DO ALTO-SP: DIMENSÃO SIMBOLICA E
MODERNIDADE**

Monografia apresentada ao
Departamento de Geografia, Turismo
e Humanidades da Universidade
Federal de São Carlos como requisito
para conclusão do curso de
graduação na modalidade de
Licenciatura em Geografia.

Orientação: Prof.^a. Dr.^a Neusa de
Fátima Mariano.

Sorocaba

2025

Ficha Catalográfica

Oliveira, Andressa Maria de

Territorialidade da Cultura Caipira na Festa do Milho Verde em Capela do Alto- SP: Dimensão Simbólica e Modernidade / Andressa Maria de Oliveira -- 2025.
41f.

TCC (Graduação) - Universidade Federal de São Carlos, campus Sorocaba, Sorocaba

Orientador (a): Neusa de Fátima Mariano

Banca Examinadora: Marcos de Oliveira Soares, Gilmar dos Santos Soares

Bibliografia

1. Cultura caipira e territorialidade . I. Oliveira, Andressa Maria de. II. Título.

Ficha catalográfica desenvolvida pela Secretaria Geral de Informática (SIn)

DADOS FORNECIDOS PELO AUTOR

Bibliotecário responsável: Maria Aparecida de Lourdes Mariano -
CRB/8 6979

ANDRESSA MARIA DE OLIVEIRA

**TERRITORIALIDADE DA CULTURA CAIPIRA NA FESTA DO MILHO VERDE
EM CAPELA DO ALTO- SP: DIMENSÃO SIMBÓLICA E MODERNIDADE.**

Monografia apresentada ao
Departamento de Geografia, Turismo
e Humanidades da Universidade
Federal de São Carlos como requisito
para conclusão do curso de
graduação na modalidade de
Licenciatura em Geografia.

Aprovado em: ____/____/____.

BANCA EXAMINADORA

Orientadora

Prof^a. Dr^a. Neusa de Fátima Mariano
UFSCar

Membro da banca (1)

Prof. Dr. Marcos de Oliveira Soares
Unifesp

Membro da banca (2)

Prof. Dr. Gilmar dos Santos Soares
Professor do Ensino Médio e membro do GECA- Grupo de Estudos e
Pesquisas sobre o Capital

Dedico o presente trabalho para todos que tem a bravura no coração para exercer o ato de ensinar e resistir.

AGRADECIMENTOS

Agradeço de coração a todos os professores que passaram por minha vida e me ensinaram com empenho e coragem dentro de um sistema de educação pública, lutando sempre para suscitar o pensamento crítico em um sistema exaustivo, remando contra a maré. Às mulheres da minha família, que dentro de seus limites sempre deram pequenos passos para que hoje eu possa voar, em especial minha mãe e minha avó, carregando a força e a determinação delas em minha jornada. Agradeço meu berço, Capela do Alto e toda a sua cultura e ensinamentos, tenho orgulho da nossa história e do nosso povo. Meus amigos e familiares que me apoiaram e me apoiam na busca dos meus sonhos, já que espero que esse seja apenas o primeiro passo de um longo caminho. Agradeço meu noivo, que é meu grande companheiro de vida e carreira, além de ser meu maior incentivador. Agradeço a Universidade Federal de São Carlos-*campus* Sorocaba e todos seus colaboradores por me darem a possibilidade de concluir esse sonho, principalmente meus professores, dos quais muitos levarei em meu coração e em minhas memórias. Agradeço imensamente minha orientadora Prof^a. Dr^a. Neusa de Fátima Mariano, sem ela nada disso seria possível, toda sua dedicação e vontade de ensinar estão refletidos por todo esse trabalho, levarei sua pessoa e seus ensinamentos comigo sempre.

Oração do Milho

Sou a planta humilde dos quintais pequenos e das lavouras pobres.

Meu grão, perdido por acaso, nasce e cresce na terra descuidada.

Ponho folhas e haste e se me ajudares

*Senhor, mesmo planta de acaso, solitária, dou espigas e devolvo em
muitos grãos, o grão perdido inicial, salvo por milagre, que a terra fecundou.*

Sou a planta primária da lavoura.

*Não me pertence a hierarquia tradicional do trigo. E de mim, não se faz
o pão alvo, universal.*

*O Justo não me consagrou Pão da Vida, nem lugar me foi dado nos
altares.*

*Sou apenas o alimento forte e substancial dos que trabalham a terra,
onde não vinga o trigo nobre.*

*Sou de origem obscura e de ascendência pobre. Alimento de rústicos e
animais do jugo.*

Fui o angu pesado e constante do escravo na exaustão do eito.

*Sou a broa grosseira e modesta do pequeno sitiante. Sou a farinha
econômica do proletário.*

*Sou a polenta do imigrante e a miga dos que começam a vida em terra
estranha.*

Sou apenas a fartura generosa e despreocupada dos paióis.

Sou o cocho abastecido donde rumina o gado

Sou o canto festivo dos galos na glória do dia que amanhece.

Sou o cacarejo alegre das poedeiras à volta dos seus ninhos.

*Sou a pobreza vegetal, agradecida a Vós, Senhor, que me fizeste
necessária e humilde*

Sou o milho.

Cora Coralina

RESUMO

OLIVEIRA, A. M. Territorialidade da Cultura Caipira na Festa do Milho Verde em Capela do Alto- SP: Dimensão Simbólica e Modernidade. Trabalho de Conclusão de Curso – Universidade Federal de São Carlos, Sorocaba, 2025.

A presente pesquisa investigou a territorialidade de Capela do Alto e suas mudanças devido à modernização, focando nas festividades municipais, em específico a Festa do Milho Verde. A análise é fundamentada na Geografia Cultural, para entender a relação entre sociedade e território, com enfoque na cultura e suas manifestações. A pesquisa utilizou a metodologia da pesquisa participante, em conjunto à pesquisa bibliográfica, documental e a história oral. Buscou compreender como a cultura caipira está relacionada com a construção da dimensão simbólica local. O estudo pretendeu contribuir para o conhecimento sobre Capela do Alto, ressaltando a identificação capelense com a tradicional Festa do Milho Verde.

Palavras-Chave: Territorialidade; Cultura Caipira; Modernização; Festividades.

ABSTRACT

OLIVEIRA, A. M. Territoriality of Caipira at the Green Corn Festival in Capela do Alto - SP: Symbolic Dimension and Modernity. Course Conclusion Paper - Federal University of São Carlos, Sorocaba, 2025.

This research investigated the territoriality of Capela do Alto and its changes due to modernization, focusing on municipal festivities, specifically the Green Corn Festival. The analysis is based on Cultural Geography, to understand the relationship between society and territory, with a focus on culture and its manifestations. The research used the methodology of participant research, together with bibliographical, documentary and oral history research. It sought to understand how caipira culture is related to the construction of the local symbolic dimension. The study aimed to contribute to knowledge about Capela do Alto, highlighting the identification of Capela do Alto with the traditional Festa do Milho Verde (Green Corn Festival).

Keywords: Territoriality; Caipira culture; Modernization; Festivities.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1 Capela do alto: raízes culturais e históricas	18
2. Uma breve análise da figura do caipira	23
3. A atual Festa do Milho Verde de Capela do Alto: sua configuração e algumas observações sobre a gestão municipal	27
3.1 Quanto de nós mesmos compõe um lugar simbólico cultural: diferentes olhares geracionais em face à modernização	35
4 Considerações Finais	40
5. Referências	41

INTRODUÇÃO

O presente trabalho buscou estudar a identidade caipira de Capela do Alto (SP), suas conexões atuais e duradouras, tendo como foco a Festa do Milho Verde e suas implicações (culturais, religiosas e econômicas) e como esse processo contribui para a configuração de uma dada territorialidade. Ou seja, o objetivo deste estudo envolve a investigação das significações do espaço cultural onde cresci.

A importância da Geografia Cultural está na sua capacidade de oferecer um vasto campo para análises e possibilidades, estimulando a investigação criativa e o entendimento do sujeito como um objeto de estudo científico. Conforme Corrêa e Rosendahl (2005), a Geografia Cultural tem se expandido consideravelmente no Brasil, especialmente desde a década de 1990, abrindo novas áreas de análise dentro dos estudos geográficos e enriquecendo teoricamente a disciplina, sendo que atualmente, as pesquisas culturais na geografia têm se apresentado mais sólidas. Algo relevante a ser tratado, para evitar a simplicidade e o senso comum, é entender o conceito de cultura. Muitos autores discutiram o conceito epistemológico de cultura sem chegar a uma definição final, com novas descrições surgindo ao longo do tempo. Nesse sentido, para Santos (2006, p. 23- 24) a concepção de cultura pode ser dividida em duas categorias básicas:

A primeira dessas concepções preocupa-se com todos os aspectos de uma realidade social. Assim cultura diz respeito a tudo aquilo que caracteriza a existência social de um povo ou nação ou então de grupos no interior de uma sociedade [...]

Vemos que essa primeira concepção está mais ligada a forma de levar a vida e o cotidiano de um povo, frequentemente usada para descrever uma realidade distante da que se vive na atualidade usual.

Para segunda concepção, podemos analisar uma ideia mais causal entre conhecimento e cultura, associada a uma série de normativas comuns que gerem uma dada esfera social.

[...] Vamos à segunda. Neste caso, quando falamos em cultura estamos nos referindo mais especificamente ao conhecimento, às ideias de crenças, assim como às maneiras como eles existem na vida social. Observem que mesmo aqui a referência à totalidade de características de uma realidade social está presente, já que não se pode falar em conhecimento, ideias, crenças sem pensar na sociedade à qual se referem [...]

Pode-se compreender também a partir da separação entre Cultura Erudita

e a Cultura Popular. Esta separação envolve uma forte relação de classes e de apoderamento do capital sobre o conceito do que é ou não validado como cultura.

Na definição de Arantes (1990, p. 7) sobre a expressão “cultura popular”, ele discorre o seguinte:

Ela remete, na verdade, a um amplo espectro de concepções e pontos de vista que vão desde a negação (implícita ou explícita) de que os fatos por ela identificados contenham alguma forma de “saber”, até o extremo de atribuir-lhes o papel de resistência contra a dominação de classes.

Sendo assim, a cultura popular é vista aqui como um conjunto de saberes de uma população, que é perpetuada ao longo do tempo. Também se coloca a continuidade dessa cultura como um ato de resistência à cultura erudita.

Frequentemente, predomina a ideia de que a cultura erudita é mais valorizada, enquanto a cultura popular é marginalizada. Em uma sociedade capitalista, manifestações populares são rapidamente monetizadas, e a lógica do capital influencia essas expressões simbólicas. A indústria cultural promove uma homogeneização para fins de mercantilização (Mariano, 2011).

Para Mitchell (2008) a academia precisa de classificações e descrições, mas as pessoas vivem e transformam seus hábitos e identidades conforme organizam suas próprias vidas, por isso é uma das premissas da Geografia Cultural compreender cada vez mais a cultura como um ato político de ordenação e convívio social.

No que tange à cultura popular, e especificamente à cultura caipira, Candido (2010) realiza uma análise abrangente de suas origens na Paulistânia, com um foco especial em Bofete, no interior paulista. Ele examina aspectos como a alimentação relacionada ao milho verde, as festas tradicionais e o preconceito associado à figura do caipira. Seu trabalho é fundamental ao explorar a vivência do caipira desde suas raízes até o presente. Sob essa perspectiva, o município de Capela do Alto, com seus profundos laços com a cultura caipira, continua a preservar essa identidade mesmo diante das mudanças trazidas pela modernização. Candido (2010) aborda este tema em detalhes:

Estes ligamentos sempre permitiram a incorporação lenta, mas perceptível, de traços urbanos às culturas rústicas, que os vão progressivamente (ou regressivamente) redefinindo ao longo da gradação. Como assinala os estudiosos para o caso da música, da poesia e dos contos, muito do que reputamos específico das culturas

rústicas é, na verdade, fruto duma lenta incorporação de padrões eruditos. Processo que se poderia com justeza chamar de degradação cultural, se fosse possível dar expressão o sentido etimológico, despidendo-a de qualquer significado pejorativo (Candido, 2010, p. 249-250).

A dimensão simbólica é composta por todos os “signos” e significados que configuram a realidade de uma população, incluindo festas, tradições e lugares representativos que promovem a coesão social em um território. A modernidade, com suas novas técnicas informacionais e processos globalizadores, está criando um novo período civilizatório baseado na modernização capitalista (Haesbaert, 1997).

O território envolve sempre, ao mesmo tempo, mas em diferentes graus de correspondência e intensidade, uma dimensão simbólica, cultural, através de uma identidade territorial atribuída pelos grupos sociais, como forma de “controle simbólico” sobre o espaço onde vivem (sendo também, portanto, uma forma de apropriação), e uma dimensão mais concreta, de caráter político-disciplinar: a apropriação e ordenação do espaço como forma de domínio e disciplinarização dos indivíduos. Historicamente, podemos encontrar desde os territórios mais tradicionais, numa relação quase biunívoca entre identidade cultural e controle sobre o seu espaço, de fronteiras geralmente bem definidas, até os territórios-rede modernos, muitas vezes com uma coesão/identidade cultural muito débil, simples patamar administrativo dentro de uma ampla hierarquia econômica mundialmente integrada (Haesbaert, 1997, p. 41-42).

As multiterritorialidades surgem da interação entre novas tendências culturais, especialmente aquelas trazidas pela modernidade, que atuam como agentes de transformação sobre as culturas tradicionais e mais antigas (Haesbaert, 1997).

A análise cultural não dissocia a subjetividade dos acontecimentos; os eventos são vividos, e a subjetividade é a maneira como o indivíduo interpreta essas experiências. Ambos os aspectos são interdependentes e se complementam mutuamente (Heidrich; Pires, 2016).

Nesse contexto, a cultura caipira é uma perspectiva significativa para esta pesquisa, baseada nos aspectos socioculturais e históricos de Capela do Alto. Esse município, como já mencionado, faz parte do legado histórico dos tropeiros no Brasil. Além disso, o trabalho sondou como a cultura caipira evoluiu, observando o impacto da modernização sobre tradições rústicas e como essas tradições se adaptam e permanecem relevantes em tempos contemporâneos.

A Festa do Milho Verde é uma tradição enraizada em várias regiões do interior de São Paulo, originária dos tempos dos tropeiros que partiam do Sul e comercializavam, sobretudo mulas, em Sorocaba e região. Esses viajantes

precisavam de uma alimentação nutritiva para suas longas jornadas. Diante de recursos limitados e de um período de cultivo reduzido, eles focavam em alimentos como o milho e a mandioca, que podiam ser preparados de diversas formas, facilitando seu transporte e conservação (Candido, 2010).

Anualmente, a festa ocorre em março, coincidindo com o aniversário de Capela do Alto (26 de março), transformando o município em um centro de celebrações com desfiles cívicos e uma variedade de eventos festivos. A festa é marcada pela venda de comidas e bebidas tradicionais feitas com milho verde, o que confere a Capela do Alto o título de "cidade do milho verde". Este título não se baseia apenas no valor econômico do milho para o município (São Paulo, 2017), mas principalmente na importância histórica das receitas à base de milho, que foram essenciais para a alimentação da população caipira (Setubal, 2005).

Durante a festa, a família Lara realiza o renomado fandango de chilenas, uma dança que se destaca pelo som vibrante das esporas chilenas, adornadas com grandes guizos, acompanhada pela viola caipira. Os dançarinos vestem trajes típicos inspirados tanto na moda flamenca quanto na caipira, incluindo camisas vermelhas, calças azuis, gravatas brancas, chapéus e botas pretas, como poderá ser observado mais à frente no subcapítulo 2.1 (Miranda, 2013).

Este estudo busca destacar a importância da preservação das tradições locais na construção da territorialidade caipira em Capela do Alto, que se desenvolve a partir da relação da população com seus espaços, com foco na Festa do Milho Verde e nas transformações diante da modernização.

Os objetivos específicos desta análise consistem em primeiro, explorar o significado simbólico do milho verde para a comunidade de Capela do Alto, levando em consideração sua cultura, história e costumes. Além de analisar sua função de conexão entre a comunidade e seu território, compreendendo a importância de sua preservação como patrimônio cultural.

Em segundo lugar, investiga o significado da tradição como uma importante expressão de identidade, ponderando seu papel na construção e manutenção da cultura. Para isso, identificaremos ao longo dos capítulos elementos tradicionais que demonstram um senso de unidade destacando o papel da cultura tradicional e da modernização. Além disso, a análise buscará compreender a influência do caipira na formação da cidade de Capela do Alto, verificando seu papel na construção histórico-cultural da comunidade.

Por fim, a cultura caipira é comparada à cultura moderna, destacando seus diferentes contextos vividos pela própria população e examinando o quão simbólico são as tradições para diferentes gerações.

Para entender o espaço geográfico de maneira abrangente, é essencial considerar os aspectos socioculturais que o moldam, permitindo uma compreensão mais profunda das suas transformações ao longo do tempo.

Neste estudo, foi adotada a abordagem de pesquisa participante proposta por Demo (2004). Essa metodologia propõe uma imersão no ambiente de pesquisa, envolvendo a participação ativa nas experiências dos sujeitos e a análise das impressões subjetivas, promovendo uma conexão mais profunda com o objeto de estudo. Segundo Brandão e Streck (2006), a pesquisa participante não se limita a um único método; ela pode assumir diversas formas. O objetivo é compreender as dinâmicas sociais através da integração com o meio estudado, substituindo a tradicional relação pesquisadora-sujeito por uma interação mais igualitária e colaborativa.

Dentre os procedimentos adotados, foram realizados tanto os indiretos quanto os diretos, sendo que os indiretos se referem primeiramente aos procedimentos de gabinete, ou seja, revisão bibliográfica e pesquisa documental. A revisão bibliográfica consistiu na leitura analítica e seleção de materiais disponíveis e que contribuiriam com o desenvolvimento e enriquecimento do conteúdo teórico da pesquisa, tais como livros, artigos, teses, sites, documentos impressos, entre outros. A pesquisa documental se referiu à utilização de fotos que foram obtidos durante o cronograma em campo e encontrados em acervos pessoais.

Os diretos se referem à pesquisa de campo e às entrevistas realizadas que auxiliaram no resultado final da pesquisa. É importante ressaltar que todas as entrevistas foram concedidas e gravadas com a devida permissão dos sujeitos participantes, assim como a divulgação de seus nomes. Todas as entrevistas foram realizadas com membros da comunidade de diferentes idades e com o responsável pela secretaria da cultura do município e transcritas na íntegra. Na pesquisa de campo a pesquisadora se deslocou até o ambiente próprio do objeto ou sujeito para analisá-lo, e a coleta de dados foi de forma a poder abranger tanto elementos descritivos, quanto analíticos.

Além das metodologias supracitadas, as entrevistas foram elaboradas utilizando a técnica de entrevista semiestruturada. Por meio dela foi possível colher informações a partir do universo do sujeito. A pesquisadora colocou-se na posição de ouvinte, fazendo, vez ou outra, pequenas intervenções estratégicas visando apenas guiar e estimular a conversação. Preferindo um diálogo descontraído, sem constrangimento para que os dados fossem pessoais, emotivos e sinceros.

A história oral é mais do que apenas a entrevista, é a reflexão e contato direto com os dados coletados, tratando os envolvidos mais do que meros objetos de estudos, mas como sujeitos de suas vivências que estão se dispondo a compartilhá-las e estes merecem serem valorizados e ouvidos. (Silva; Martins, 2007)

Através da metodologia de pesquisa participante, foi realizada a participação em alguns dos eventos culturais tradicionalmente caipiras do município que possibilitou tecer uma análise pessoal da perspectiva de identificação com o meio de estudo, além da busca para acessar acervos particulares com fotos e documentos históricos que procurei inserir ao longo da análise.

Com as entrevistas de sujeitos com diferentes idades e funções, foi possível traçar um panorama dos simbolismos culturais presentes nos munícipes, trazendo um pouco da história oral através da realidade individual e geracional.

As análises foram comparadas com a manifestação da cultura observada contemporaneamente e assim buscou-se compreender as mudanças e impactos que ocorreram com o tempo.

O texto do trabalho seguirá com uma apresentação de Capela do Alto, para posteriormente oferecer uma breve contextualização histórica do município.

Em seguida, irei apresentar uma breve análise da figura do caipira, ou seja, seus estigmas e diferentes perfis de acordo com diferentes autores.

Na sequência será abordada a relação da prefeitura com a Festa do Milho Verde, seu funcionamento e a modificação de sua tradicionalidade para obtenção de lucro. Onde também será possível entender sobre as raízes culinárias do caipira e analisar essa relação demonstrada nos pratos tradicionais capelenses.

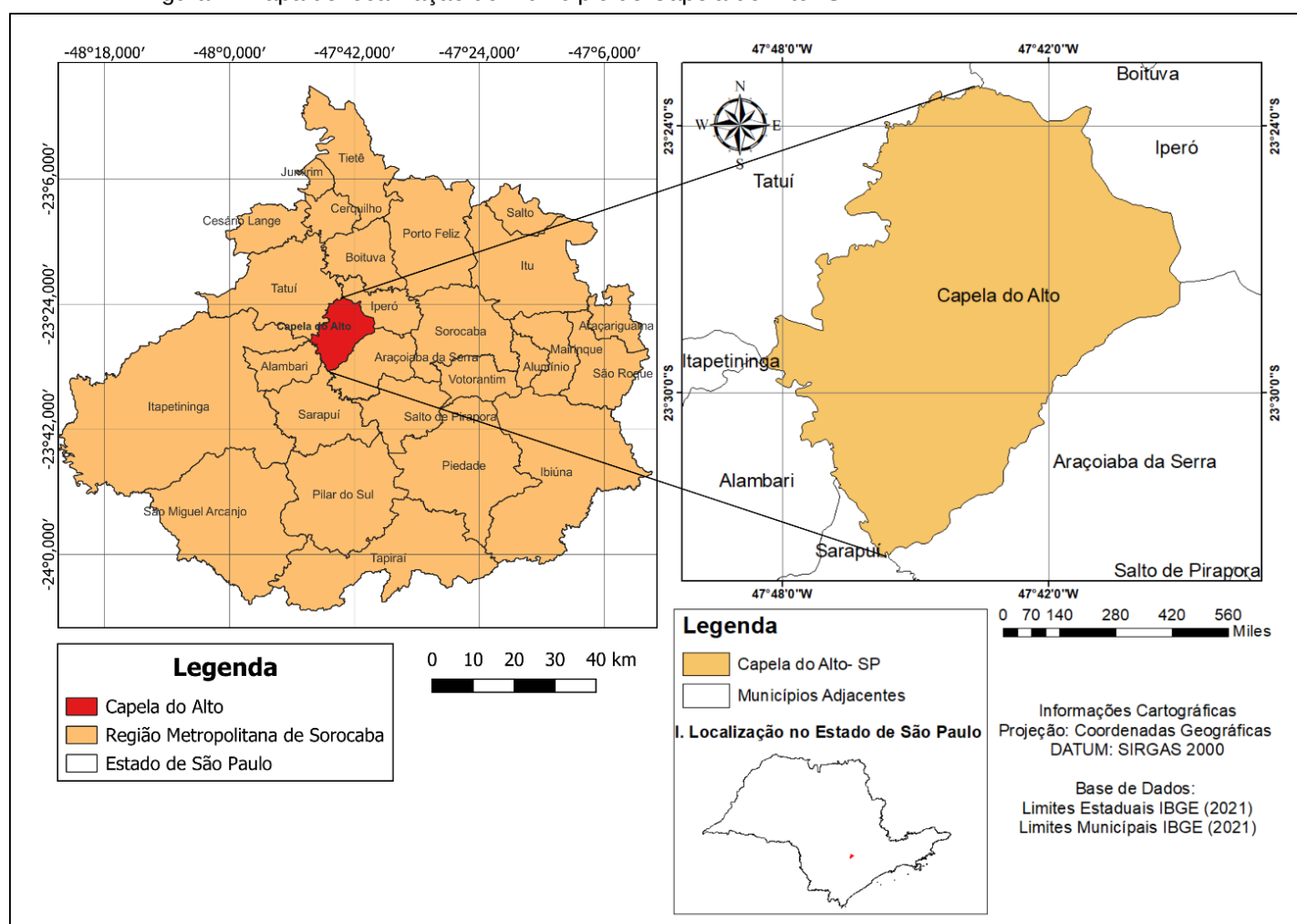
Depois trarei a visão dos próprios sujeitos sobre sua realidade e cultura manifestada na festa, dando luz a suas reflexões através das entrevistas e contextualizando com a imagem do caipira em face ao capitalismo e a modernização das tradições. Para, por fim, concluir refletindo sobre os conhecimentos vividos e obtidos através dos procedimentos metodológicos e as conclusões geradas por este estudo.

1 CAPELA DO ALTO: RAÍZES CULTURAIS E HISTÓRICAS

Capela do Alto – SP possui área territorial de 169,890km² (IBGE, 2021) e se insere na região metropolitana de Sorocaba. Faz divisa com seis municípios, sendo eles: Alambari, Sarapuá, Araçoiaba da Serra, Itapetininga, Iperó e Tatuí, como pode ser visto na figura 1.

Do total de sua área, 142,400km² é destinado à área agrícola (São Paulo, 2017). Sobre o uso do solo, o cultivo de braquiaria (4.852,7ha), milho (2.210,4ha) e laranja (1.665,1ha) figuram entre os primeiros na agricultura (São Paulo, 2017).

Figura 1: Mapa de localização do município de Capela do Alto- SP.



Fonte: IBGE, 2021. Org.: Andressa M. de Oliveira, 2023.

De acordo com o site do portal da prefeitura de Capela do Alto – SP¹, a cidade foi criada em 31 de dezembro de 1963, pela Lei Estadual 8.050, tendo

¹ Site: <http://www.capeladoalto.sp.gov.br/canais/caracteristicas-de-capela-do-a>

sido instalada apenas em março de 1964 pelo juiz Eleitoral da Comarca de Sorocaba, sendo que anteriormente Capela do Alto - SP figurava como um distrito pertencente ao município de Araçoiaba da Serra.

Na imagem abaixo (figura 2), é possível observar que o município, no início de sua ocupação, tomou como ponto de partida uma rua principal (Rua São Francisco), onde se localizava a capela de São Francisco, que nos dias de hoje assume o papel de igreja matriz de Capela do Alto. É inegável dizer que a potencialidade paisagística da região também foi um dos fatores que atraiu aqueles que permaneceram no local com intuito de povoamento, justamente para as atividades econômicas mais favorecidas na época: a agricultura e a pecuária. Além disso sua localização era estratégica, pois fazia parte de uma rota que ligava os municípios à metrópole de Sorocaba, onde ocorriam as feiras de muares.

A figura 2 retrata esse momento em que Capela do Alto ainda não tinha sua emancipação, no qual podemos ver que a rua principal possui pouquíssimas casas e a expansão da malha urbana é quase imperceptível e em conjunto, temos uma imagem de um período posterior, onde a cidade estava iniciando sua expansão e em processo de emancipação.

Figura 2: Rua São Francisco em 1939 e centro da cidade na década de cinquenta a sessenta.



Fonte: acervo pessoal do Seu Joel, 2023.

Vemos que embora o município seja considerado pequeno por seu número de população e por seu perímetro urbano não tão extenso, desde que se emancipou, Capela do Alto está em uma crescente urbanização e modernização que fica clara quando comparamos a figura 2 e a figura 3 logo

abaixo, da área central.

Figura 3: Rua São Francisco, 2025.



Fonte: Google Earth, 2025.

Comparando os dados mais recentes com anteriores, podemos notar também o constante crescimento populacional do município. Atualmente, sua população estimada é de 23.597 pessoas (IBGE, 2024), apresentando densidade demográfica de 134.59 hab/km² (IBGE, 2022). Em comparação ao último censo (2010), ainda assim é possível notar uma diferença considerável no número da população estimada, que naquele momento era de 17.532 pessoas. A população aumentou em 6.065 pessoas de 2010 para 2024, tendo um crescimento médio de 3,45%, fato que corrobora o acelerado crescimento da cidade.

Capela do Alto - SP tem sua origem comum como muitas cidades da região metropolitana de Sorocaba e interior do Estado de São Paulo, que se inicia com os tropeiros. O tropeirismo, segundo Miranda (2013), teve seu início no século XVI quando as tropas de burros vindo da Argentina e Uruguai adentraram o Brasil através do Rio Grande do Sul. Porém a caminhada dos tropeiros só alcançou seus objetivos em 1727 quando o coronel gaúcho Cristóvão Pereira de Abreu iniciou a construção de uma estrada para facilitar a

passagem dos tropeiros. Foi somente em 1733 que o caminho foi concluído e a primeira tropa partiu levando consigo cerca de 2 mil animais, além de alimentos não perecíveis, como por exemplo a carne seca. Essa expedição saiu de Rio Grande do Sul para Minas Gerais, onde se encontravam as minas de extração de minérios nobres, como o ouro, pivô do movimento econômico nacional da época.

E é assim que se iniciou o ciclo do tropeirismo, possibilitando rotas comerciais entre São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Espírito Santo e por vezes até o norte e nordeste brasileiro. Essa movimentação aumentou consideravelmente a demanda por muares. Como as distâncias eram grandes, estabeleceu-se em Sorocaba a feira de muares por volta de 1750, possibilitando uma grande negociação, onde vinham compradores e vendedores de diversas regiões. Dessa forma o tropeirismo ascendeu com mais força trazendo diversos produtos, negociando pelos caminhos e conduzindo muares para os polos comerciais, em especial o município de Sorocaba, uma das paradas principais das tropas vindas de Viamão (Rio Grande do Sul). Mas aqui quero destacar o milho verde como um dos alimentos fundamentais entre eles por sua importância na dieta e cultura caipira, que advém dessas expedições sertanejas e das influências indígenas, excepcionalmente os Guaranis, e continua até os tempos atuais nas tradições municipais (Corrêa, *et al.* 2016), tal qual o caso de Capela do Alto – SP.

Com essas grandes expedições, foram sendo criados pontos estratégicos de paradas, onde as tropas pudessem descansar e onde foram erguidas capelas e oratórios para que esses itinerantes pudessem professar sua fé. Esses locais foram se abastecendo de pontos comerciais voltados para atender as demandas tropeiras, com estruturas sendo definidas, e alguns povoados se estabelecendo e introduzindo seus costumes e sua cultura.

O fandango, uma dessas expressões culturais, é uma dança de origem espanhola e foi trazida para o Brasil pelos primeiros casais açorianos em meados de 1750. Essa população imigrante, posteriormente, formou famílias que se adentraram no tropeirismo e mantiveram sua comemoração típica, denominada Entrudo. (Miranda, 2013).

Em Capela do Alto - SP essa tradição é representada pelo Fandango de Chilenas da Família Lara que tem em sua genealogia antepassados tropeiros

que passaram de geração em geração os ensinamentos dessa dança.

A manifestação cultural foi sendo menos frequente por se tratar de algo que necessitava do interesse da perpetuação do legado da família. Mas há que se considerar também os processos de êxodo rural e de modernização, que "atropelou" a cultura caipira com novos costumes calcados na lógica de produção capitalista (Candido, 2010). Então de algo rotineiro o Fandango de Chilenas se tornou raro, apenas em festas tradicionais tal como a do Milho Verde que perduram até hoje e fazem parte da cultura capelense, legado caipira do qual a população não abre mão.

2. UMA BREVE ANÁLISE DA FIGURA DO CAIPIRA

Na literatura, no cinema e nas artes como um todo, o caipira teve sua imagem retratada de diversas formas, porém em todas as suas representações não deixou de lado uma característica em comum: a exclusão e marginalização que sofria por aqueles que não pertenciam à sua comunidade.

Em termos de historicidade paulista, o caipira costuma ser retratado como fruto da miscigenação entre indígenas e europeus, por ser visto como uma “mistura” de povos. Também tem em sua cultura um mix de costumes: as técnicas de cultivo, culinária e a vida em comunidade, aliadas com uma forte crença no folclore juntamente com o cristianismo. Por não estarem “nem lá e nem cá”, não são considerados nem seus costumes, nem sua cultura, um bom alicerce para a sociedade futura (Ferreira, 1999).

Com a fixação do caipira andante e a expansão do tropeirismo, começam a surgir os sítios, onde é estabelecida uma economia fechada e de subsistência. Assim, os moradores do sítio formavam uma comunidade, onde estabelecia-se uma relação de companheirismo. Essa relação era caracterizada pela cooperação mútua para que todos da comunidade tivessem um nível de igualdade, conforto e estrutura mínimas essenciais. Na figura abaixo é possível observar as características aqui já citadas acerca dos sítios, onde as casas eram habitualmente produzidas de pau a pique.

Figura 4: Morador de Capela do Alto, Faustino, retrato de 1951 dos primeiros sítios da cidade.



Fonte: Acervo pessoal do seu Joel

A comunidade se reunia para ajudar-se mutuamente nas épocas de plantio e colheita, criação de animais, para uma dieta bem-sucedida. O sucesso

dessa cooperação era celebrado sempre com uma festa, essa tradição mostra que o processo de produção até a obtenção de seu alimento para a manutenção de sua forma de vida, representa mais que o ato de se nutrir, está ligado a celebração de suas vivências e tradições (Candido, 2010).

O fato de o caipira viver a seu modo rústico e mínimo, não vêm apenas de sua marginalização que levou a uma condição de pobreza, mas está relacionado também a sua origem nômade, onde assimilou-se a praticidade nas porções, cultivo e conservação do alimento que combinassem com sua mobilidade (Andrade, 2023).

As formas de cultivo avançadas utilizadas pelo caipira, estão intimamente ligados à sua proximidade com as técnicas indígenas, baseadas em um princípio de equilíbrio ecológico, respeitando os ciclos da natureza e utilizando seus próprios recursos como uma forma de potencializar suas riquezas. Sua dieta também corrobora essa ligação, já que tem muitas semelhanças com a dieta indígena, porém, assim como o caipira é fruto da miscigenação entre os portugueses e os indígenas, suas técnicas de preparo também possuem essa mescla, como afirma Candido:

O feijão, o milho e a mandioca, plantas indígenas, constituem, pois, o que se poderia chamar de triângulo básico da alimentação caipira, alterado mais tarde com a substituição da última pelo arroz. No entanto, a maioria dos modos de prepara-los não veio do índio: constituem adaptação de técnicas culinárias portuguesas, ou desenvolvimentos próprios do país [...] (Candido, 2010).

É possível compreender então que a culinária caipira é uma adaptação entre as influências indígenas e portuguesas que seguem ainda hoje no prato da população, como uma rica diversidade de receitas, mas mantendo ainda ingredientes essenciais, como é o caso do milho. Isso demonstra que o caipira não é pouco prático ou útil, na verdade sempre foi muito versátil em usar o que tinha a seu dispor para manter toda uma comunidade.

O discurso do caipira como pouco eficiente na sociedade é muito fortalecido pelas criações de Monteiro Lobato, que ironizavam as formas de vida do caipira, como o caso do personagem Jéca Tatu, criado por ele, que é descrito como preguiçoso, antiquado, sujo e rústico (Oliveira, 2003). Além disso, em Velha Praga e Urupês (1918) o autor descreve o caipira como uma praga para a terra, criticando seus meios de vida, costumes, vestimentas e justificando sua simplicidade como preguiça e inadaptação, como mostra o trecho a seguir:

Este funesto parasita da terra é o CABOCLO, especie de homem baldio, semi-nomade, inadaptavel á civilização, mas que vive á beira dela na penumbra das zonas fronteiriças. À medida que o progresso vem chegando com a via ferrea, o italiano, o arado, a valorização da propriedade, vai ele refugindo em silencio, com seu cachorro, o seu pilão, a picapau e o isqueiro, de modo a sempre conservar-se fronteiriço, mudo e sorna. Encoscorado numa rotina de pedra, recua para não adaptar-se. (Lobato, 1943, p. 121).

Essa imagem de ironização da persona do caipira, atribuiu uma forma estigmatizada de enxergar e tratar o caipira diante da sociedade moderna, que é reforçado por outros personagens posteriores ao de Monteiro Lobato, mas com um viés semelhante, como o célebre personagem de cinema Mazzaropi (Oliveira, 2003).

Na obra “Os Parceiros do Rio Bonito: estudo sobre o caipira e a transformação dos seus meios de vida” (1964) de Antonio Candido, ele faz uma análise sobre uma comunidade de Bofete-SP discorrendo não apenas sobre seus meios de vida em comunidade e sua cultura de subsistência, mas trazendo também um outro ponto de vista da marginalização do caipira. Faz-se uma análise de como a modernização tecnológica e a mecanização do campo tem usurpado do caipira, mais que seu lar e seu sustento: tira-lhe seu modo de vida, sua territorialidade, seu existir.

Com a crescente modernização, o caipira ficou submetido ao sistema assalariado e seu conhecimento do solo ineficiente em face a mecanização, sua cultura simples e comunal rudimentar para cultura do capital.

Sendo assim, Candido pontua:

Parece difícil que possa, daqui por diante, resistir à expansão capitalista, como formula de ajustamento do grupo ao meio em função da subsistência, com base no círculo fechado dos agrupamentos de vizinhança, cuja autonomia ecológica é hoje uma sobrevivência. A consequência geral é a incorporação progressiva desta área, e de outras parecidas, à esfera da economia moderna; processo que repercute fundo em toda a organização da vida social com rupturas de equilíbrio que podemos verificar nos planos ecológicos, econômico, cultural, social e psíquico – inter-relacionados e solidários, mas separados aqui para a comodidade da exposição (Candido, 2010, p. 164).

A partir disso, é possível analisar como a cultura do capital e a espetacularização de suas tradições tem alienado o caipira de seu modo de vida e costumes, forçando-o a se adaptar a uma nova realidade adequada à lógica de mercado. Sendo assim, é importante analisar as transformações e o que permanece, apesar de tudo, das suas singularidades.

A figura do caipira é uma figura de resistência, resistência à exploração da mão de obra camponesa que vem com a integração à vida moderna e à economia de mercado e dos estigmas impostos sobre eles seja por Saint-Hilaire com suas viagens pelos sertões paulistas em 1819, que descreveu em seu diário de campo o povo caipira como degenerados, mestiços e sujos (Saint-Hilaire, 1976), ou por Monteiro Lobato em Urupês (1918) ao descrever o caipira como culpado por sua própria condição de rusticidade, alegando se tratar de um povo preguiçoso.

Com esses estigmas impostos ao caipira, é traçado de vez uma linha tênue, em que o caipira e sua vida rural está do lado do ultrapassado e pouco civilizado e o urbano está do lado do desenvolvimento, progresso e civilidade. Diante dessa ótica o caipira foi obrigado a se adaptar e modificar sua cultura, que ainda persiste, apesar das adversidades.

3. A ATUAL FESTA DO MILHO VERDE DE CAPELA DO ALTO: SUA CONFIGURAÇÃO E ALGUMAS OBSERVAÇÕES SOBRE A GESTÃO MUNICIPAL

A Festa do Milho Verde de Capela do Alto, carrega em seu cerne essa herança da comunidade e da culinária como uma expressão cultural, para além do nutrir-se. Além do cultivo do milho verde que é considerado uma base importante da dieta caipira, carrega a comemoração da colheita e dos preparos em comunidade, como o caso das tradicionais receitas capelenses a base de milho verde, como demonstra a imagem abaixo, que são o principal slogan da festa e que deveriam ser seu principal atrativo. Aqui vemos ainda traços fortes da vivência e da territorialidade caipira na comemoração da festa.

Figura 5: Tradicional sopa de milho, virado de milho e frango frito, vendida na Festa do Milho Verde.



Fonte: Andressa M. de Oliveira, 2023.

O milho como um dos principais ingredientes da cultura caipira, é um também considerado uma grande influência na cultura alimentar paulista, sendo

um verdadeiro pão da terra (Andrade, 2023). Além disso, representa uma resistência cultural da culinária típica que é atemporal, por sua grande versatilidade. Aqui ressalto mais uma vez a importante observação de Candido:

O caso mais interessante é todavia o do milho, que foi cereal básico do aborígene e ainda é do caipira, mas sob formas múltiplas e variadas, mostrando que sobre ele operou mais intensamente o trabalho cultural de invenção e adaptação (Candido, 2010).

A cultura caipira está intimamente ligada a invenção e reinvenção do preparo dos alimentos, sua culinária típica, como é o caso aqui analisado, Capela do Alto e sua principal comemoração em torno disso. A culinária tradicional capelense é passada de geração em geração e reinventada de família em família, dando a possibilidade para que cada um represente essa cultura local com seu toque particular.

As receitas típicas não levam apenas a um prato apetitoso, elas têm sabor de memória e significados, levam consigo o valor das relações de um povo com a sua terra, seu sustento, o alicerce da comunhão com a natureza e a comunidade que persevera através de gerações principalmente de mulheres, as matriarcas da vizinhança que eram e ainda são responsáveis pela transformação da colheita de um único produto em receitas diversas e versáteis, capazes de alimentar toda uma comunidade.

Gostaria de colocar aqui, um pedacinho dessa cultura, deixando a receita tradicional fornecida por minha mãe, um prato típico capelense a base de milho verde:

Pastel caipira:

Massa;

500grs de farinha de milho alambari

1 xícara de polvilho azedo

1 colherzinha de sal

Água morna até dar ponto

Recheio;

1,5kg carne moída

2 copos de milho verde cozido já cortado

Modo de preparo;

Misture a farinha com polvilho, o sal e a água até dar ponto de abrir a massa na mão delicadamente.

Refogue a carne moída com tempero de sua preferência, deixe ela bem sequinha e coloca o milho.

Recheie o pastel com esta carne e logo em seguida é só fritar e saborear.

Se preferir esprema gotinhas de limão na hora de comer que fica uma delícia! (Angelita, 43 anos).

O pastel caipira é um dos pratos típicos popular da Festa do Milho Verde de Capela do Alto. Vemos que a culinária conta a história do caipira através da

tradição e do sabor, por isso é de tanta importância para a festa, os pratos de milho verde são seu principal atrativo, porém já desempenharam um papel muito mais significativo, do qual o povo sente falta.

A atual Festa do Milho Verde tem se modernizado, assim como muitos eventos de origem popular, passando por um processo de espetacularização. Nesse sentido, a cultura tradicional tende a ser uma mercadoria com a função de gerar lucro, assim a espetacularização modifica a lógica própria da tradição de um evento, carregada de significados e simbolismos caros para os que a cultivam, e a reorganiza e homogeneíza a fim de entreter uma grande quantidade de sujeitos consumidores que se dissociam da motivação original comemorativa (Carvalho, 2010). Abaixo irei deixar uma imagem do acervo pessoal do seu Joel, do qual ele diz ser de uma das primeiras festas do milho verde de Capela do Alto, juntamente com uma imagem da Festa mais atual, de 2024.

Figura 6: Uma das primeiras Festa do Milho Verde.



Fonte: acervo pessoal do seu Joel, 2023.

Antigamente, as festas caipiras eram momentos de encontro entre famílias e vizinhos, com muita música ao vivo, danças e aquela sensação de comunidade. Hoje, muita coisa mudou. O sertanejo moderno e até a música eletrônica entraram no repertório, as roupas ganharam um toque mais estilizado, e a forma de socializar também mudou. Atualmente as redes sociais tem um papel fundamental na disseminação da festa, com fotos e vídeos sendo postados o tempo todo. Além disso, a experiência ficou mais comercial, com food trucks, grandes palcos e toda uma estrutura que antes não existia. Ainda é a festa, mas o jeito de celebrar já não é mais o mesmo.

Figura 7: Festa do Milho de 2024.



Fonte: <https://www.instagram.com/p/C4SL1ylutPN/>

Podemos ver que passando por diferentes gestões municipais a festa foi se transformando, como foi possível notar através da minha própria experiência como cidadã capelense e também por meio dos diálogos que eu pude desenvolver no decorrer da elaboração deste trabalho.

Em conversa com o secretário da cultura de Capela do Alto, Júlio Parra, foi possível notar que embora exista uma preocupação com a preservação da tradicionalidade da Festa do Milho Verde, muito dos artifícios da cultura comercial de massa se apoderaram da comemoração, uma consequência do mundo globalizado capitalista e sua hibridação cultural. Nesse sentido as motivações atribuídas à festa remontam seus significados com os interesses do capital e dão origem a uma nova estrutura (Canclini, 2006).

Uma festa tradicional é o reflexo de seu povo, seu cotidiano e costumes. Quando se muda a comemoração, isto é reflexo da mudança de seu povo. As festas tradicionais são uma forma de resistência da preservação das raízes da população. As mudanças em seus simbolismos originais, como as apresentações artísticas, elaboração popular, culinária típica etc. exprimem uma imposição da cultura dominante, ao mesmo tempo que qualquer aspecto

mantido é uma forma de resistência popular, uma forma de manter suas relações do passado frente às novas imposições do presente.

Nessa relação é possível notar as contradições enfrentadas por um povo que é visto como ultrapassado quando não acompanha o que é considerado apropriado pelos dominadores (Canclini, 1983).

Uma das grandes mudanças relacionadas à capitalização e modernização da tradicional Festa do Milho Verde é a própria elaboração da festa. Antes organizada por sua população, agora é elaborada pela prefeitura em conjunto com a iniciativa privada. De acordo com a entrevista realizada com o secretário da cultura da cidade, essa parceria funciona da seguinte forma:

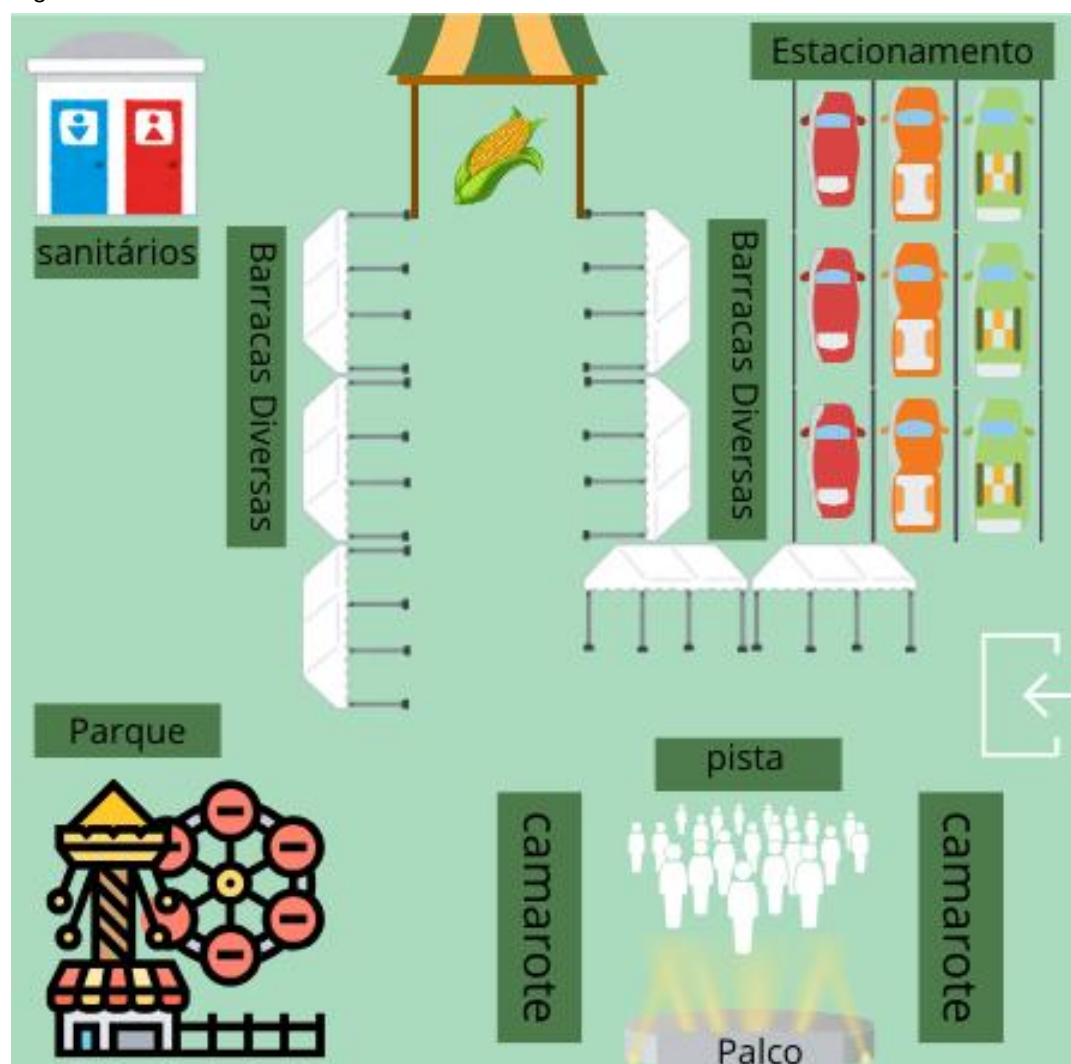
Esse ano vai ser uma parceria, vai ser uma parceria público privada, uma PPP. Então a prefeitura fez chamamento para que uma empresa pudesse entrar com infraestrutura completa da festa e a prefeitura entrou numa contrapartida que é a contratação de dois shows (...) Eles fazem toda a estrutura de palco, som, iluminação, gerencia a logística do evento, a arquibancada, camarotes e eles exploram o evento. E como eles vão ter o retorno do investimento? Fazendo com que, alugando espaços que é a praça da alimentação, as barraquinhas e o estacionamento. Então estacionamento é pago. Quem quer ter comércio, sei lá, um churrasquinho, lanche, brinquedo, parque, paga para essa empresa, e também em contrapartida todas as entidades sociais da cidade sem fins lucrativos também terão espaço na praça da alimentação, que a praça da alimentação tem que ser exclusiva com produtos do milho (Júlio Parra).

No passado a comemoração era realizada na casa de algum morador, depois passou a ser no centro da cidade e posteriormente no recinto de festas. A festa foi expandindo ao mesmo tempo em que foi se modernizando. Anteriormente onde apenas era ocupada a área da praça de alimentação e uma arena pequena para o rodeio, expandiu-se para o perímetro do recinto inteiro. Claro que não se trata apenas de atrair mais pessoas e lucro, podemos também relacionar ao crescimento populacional do município desde 1987.

A transferência do papel administrativo da festa da população para a prefeitura e a iniciativa privada, leva a consequências negativas na autenticidade da festa e no vínculo comunitário que ela representa, tendo em vista que a terceirização visando o lucro prioriza atrações externas e retira o protagonismo da população na elaboração e participação da festa, levando a uma perda de identidade.

É importante ressaltar que a entrevista foi concedida pouco antes de ocorrer a 33ª edição da Festa do Milho Verde, sendo assim deixo a baixo uma planta básica de como foi esquematizada a festa no ano de 2023.

Figura 8: Planta básica da Festa do Milho de 2023.



Elaboração: Andressa M. de Oliveira, 2025.

Podemos entender em algumas falas no decorrer da entrevista, o conflito do passado com o presente e a ideia de que embora a tradição seja importante, a modernização é benéfica e para além disso, necessária. Quando falamos nessa modernização, é inevitável também o diálogo com a lógica de mercado.

Sendo assim, qual é o papel da Festa do Milho Verde hoje? Podemos responder essa pergunta através dos diferentes olhares geracionais e hierárquicos da cidade, e é isso que buscou-se evidenciar com a oralidade dos sujeitos. Para o secretário da cultura a raiz e importância da comemoração é: “Eu acho que o papel da festa, acho que é papel cultural e econômico.” (Júlio Parra) e para a resposta de como a cultura capelense se faz presente na festa, o secretário ressalta “Eu acredito que ressaltamos a questão da culinária, das tradições tropeiras, do milho, mostramos desde os nossos pratos típicos até nossa cultura, por exemplo, do fandango que se apresenta. [...]” (Júlio Parra).

Na edição da festa desse ano (2023) que tive o prazer de participar, algumas coisas me chamaram a atenção. A primeira delas sem dúvidas, foi a falta da apresentação de rodeio, que nunca havia deixado de acontecer na festa. A segunda foi a quantidade muito escassa de produtos de milho verde e uma grande quantidade de produtos diversos que não condizem com o perfil da festa. O único espaço destinado aos produtos da culinária típica era a praça de alimentação, que como pode ser visto no esquema, é uma área muito pequena se comparada com o espaço da festa. Muitos dos produtos acabaram antes do fim do evento, como iremos constatar com base nos trechos das entrevistas realizadas com os moradores.

Como pode ser visto na figura 8, a forma de pagamento dos produtos disponíveis na festa também foi completamente modificada, pois era necessário adquirir um cartão, carregá-lo com pontos em locais específicos distribuídos pela festa e só então usar para consumir.

Figura 9: Cartão recarregável para consumo dentro da festa.



Fonte: Andressa M. de Oliveira, 2023.

Além dessas mudanças já citadas, houve uma enorme modificação nas atrações artísticas tradicionais, como se pode ver na figura abaixo:

Figura 10: Arte de divulgação das principais atrações da Festa do Milho Verde 2023.



Fonte: https://www.facebook.com/festadomilhooficial/photos?locale=pt_B

Os shows foram com cantores de cultura popular, do gênero musical popular atual “sertanejo universitário”, que em nada se parece com a musicalidade da viola caipira, ou com a diversão e desafio do cururu (rimas feitas de improviso ao ritmo de uma viola caipira, em que o intuito das rimas, em muitas ocasiões é insultar o outro concorrente). Pouco se vê da musicalidade caipira, sendo que o Fandango de Chilenas está presente apenas na abertura da festa como demonstra a figura 10, e não está incluída na arte da divulgação.

Figura 11: Abertura da Festa do Milho Vede de 2023, Fandango de Chilenas apresentado pela família Lara.



Fonte: Andressa M. de Oliveira.

Como é possível notar, há uma modernização na forma do consumo, que em muito me intrigou, considerando a simplicidade da população, já que esta não demonstra tanta facilidade com a manipulação de meios tecnológicos. Essas mudanças são claras demonstrações da intencionalidade da massificação da cultura, pensada em um público maior e não no público prioritário, que são os próprios capelenses reivindicando o direito de comemorar suas tradições.

O uso que a indústria de bens simbólicos faz do folclore se parece com a expropriação. Assim como a indústria tira a força de trabalho do despossuído, pagando-lhe um salário mínimo, a cultura para as massas sarrupia quando pode da sensibilidade e da imaginação popular para compensá-la com um lazer mínimo, entrecortado de imagens e slogans de propaganda. (Bosi, 1992, p. 330)

Todas essas novas adaptações funcionam de certa forma como uma expropriação da tradição que é coletiva, mas ao mesmo tempo anônima, e se perpetua pelas gerações através da confraternização da comunidade.

3.1 Quanto de nós mesmos compõe um lugar simbólico cultural: diferentes olhares geracionais em face à modernização

Essa pesquisa nasceu da minha vontade de evidenciar através de um ponto de vista geográfico e cultural a importância da tradição capelense e a sensibilidade que ela carrega. Para mim, não havia outra forma de compreender ou até mesmo demonstrar essa sensibilidade sem dar voz aos verdadeiros

sujeitos responsáveis pela existência dessa construção simbólica. Esses sujeitos são meus familiares, vizinhos, amigos e até mesmo eu. Esses sujeitos são o povo capelense, que constrói esse território simbólico e folclórico há gerações, que faz questão de perpetuar sua cultura através, principalmente, da narrativa e tradição oral como forma de resistência.

Diante disso, trarei algumas falas significativas de diferentes gerações, onde será possível analisar as percepções da vivência caipira em Capela do Alto, principalmente expressa na Festa do Milho Verde e sua simbologia para os envolvidos.

De acordo com Dona Geni de 64 anos que vive em Capela do Alto desde sempre, a festa não é mais a mesma, especialmente no ano de 2023 foi bem diferente.

Antigamente não era assim a festa e saia muito mais bonita. As pessoas participavam mais que agora, encareceu tudo, ficou tudo mais caro por causa disso, de outras pessoas... como você falou empresa entrar pro meio. Daí a festa para as pessoas que antigamente participavam, era as pessoas mais pobres, agora só para quem tem mais dinheiro né, então antigamente a festa era organizada mais pela própria população.

Ainda sobre a organização da festa, ela afirma:

Quem participava era das pessoas mais antigas né, que começaram. Então quer dizer que antigamente nem a prefeitura fazia, quem fazia era as pessoas sozinha, no meu conhecimento, que não tinha muita política era mais o povo né!

D. Geni também acredita que a festa deveria continuar como era, já que para ela “Antigamente não era assim e a festa saia muito mais bonita”. Percebe-se que com o passar do tempo a festa foi apropriada pela prefeitura e mais tarde, pela iniciativa privada. É com essa apropriação por parte da prefeitura e exclusão da participação popular que a festa vai se descaracterizando, tornando-se algo muito diferente do que os antigos moradores reconhecem como representativo de suas tradições e costumes.

Já Rodrigo de 43 anos, não vê os investimentos e a elaboração da festa com maus olhos: “Eu não acho ruim, eu acho que parcerias, como diz, só aumenta só. A grana a parceria aumenta né, tipo agrega, não diminui né.” Ele apenas ressalta que as comidas típicas de milho verde “deixaram a desejar” pois faltou muitos produtos típicos.

Maria, de 23 anos diz: “Eu achei muito bom em relação à estrutura, em relação shows, porém achei que faltou muito o rodeio, acho que não pode faltar rodeio na festa. ” Além disso ela acredita que essa festa foi melhor do que as outras em termos de estrutura.

Gabriel de 12 anos, acredita que a modernização é necessária, por mais que a tradição também não possa se perder:

Eu acho que por uma parte desde que eles (empresas parceiras) mantenham a tradição, boa, eu acho uma excelente forma de inovar também né, pois além de manter essa tradição nós temos que inovar, trazer novas formas de alegrar o povo, vamos se dizer assim.

Na comparação das falas, podemos ver que quanto mais jovem é a geração, mais fácil tem se tornado a aceitação da modernização, enquanto para os mais velhos que tiveram um contato de fato com essa cultura originária, essa modificação é algo que faz com que a festa perca o sentido.

Para Candido (2010), isso está atrelado à inserção do caipira no mercado de trabalho e na sociedade urbana. Antes de ser inserido no mercado de trabalho o caipira vivia uma vida em comunidade e de subsistência, suas comemorações, alimentação e estilo de vida eram ligados à comunidade e à simplicidade. Quando o caipira é colocado diante da sociedade capitalista, ele precisa se adaptar ao ritmo de consumo. Vemos que com o passar das gerações, essa vivência vai se adaptando cada vez mais a esse modelo de sociedade, ao ponto em que os mais jovens já nascem inseridos nesse sistema e, portanto, sentem com menor intensidade as diferenças, já não se tem mais a referência do original em suas memórias. Além disso existe a ideia de que a modernização é progresso e, portanto, é benéfica.

Um ponto levantado em comum por todos os entrevistados, foi a falta da disponibilidade dos pratos à base de milho verde, que são tradicionais da culinária capelense e costumavam ser o principal atrativo das festas.

A nossa cultura aqui é plantação, aqui tem plantação de milho. Então o povo daqui sabe fazer muitas coisas do produto do milho, principalmente as pessoas mais antigas, elas sabem fazer bastante coisas que vão passando para outros, então todo mundo aprendendo a fazer essas coisas de milho né, produtos do mesmo. É isso, essa vida mais simples. Eu acho que deveria ser mais assim, conhecida como era antigamente, que era vir gente até de fora da nossa cidade que vinha participar, que era muito conhecida! (D. Geni).

O caipira desenvolveu técnicas e explorou produtos que permitiam sua subsistência. A alimentação vem de seu próprio cultivo e preparo (Candido, 2010). Como D. Geni disse, os capelenses desenvolveram várias técnicas para

trabalhar com o milho verde, que era o forte de cultivo na época, e esses pratos se tornaram típicos de Capela do Alto. Podemos destacar a sopa de milho verde, o pastel caipira, o bolinhão, que são considerados iguarias locais. São populares também os doces mais conhecidos, como pamonha, curau, bolo de milho etc.

A figura, por exemplo, mostra Dona Geni (minha vó) pronta para me ensinar os processos do preparo do curau, doce típico feito do suco do milho verde, apurado na panela com açúcar, até chegar à consistência desejada.

Figura 12: D. Geni nos preparos do curau.



Fonte: Andressa M. de Oliveira, 2023

O ato de fazer as comidas típicas é um verdadeiro ritual para o caipira. É nesse momento que os mais velhos que guardam sua sabedoria das preparações, ensinam os mais jovens, todos se reúnem na cozinha, cada um tem sua função. As crianças ficam com a limpeza do milho (descascar, retirar os cabelos etc); é daí que vem as bonecas de sabugo e palha de milho para brincar. Os homens e os jovens ficam com a parte que exige maior esforço físico, ralando e extraíndo a polpa do milho; os mais velhos ficam com a missão mais importante, transformar esse produto em um delicioso prato. É assim que a família se reúne em um almoço de domingo e é assim que uma comunidade toda

se reunia para preparar os pratos que seriam vendidos na Festa do Milho Verde, tarefa destinada agora somente aos órgãos beneficentes da cidade e reservado às poucas famílias que ainda cultivam essa tradição em suas casas.

A vida do caipira tem mudado, pois seu tempo tende a não ser mais destinado à sua comunidade ou à produção de sua subsistência, com o cultivo de seu alimento. Às vezes, não consegue preparar as suas refeições e tende a comprar tudo pronto, ou processado. Tudo isso é parte de um processo da vida moderna agitada de que somos condicionados.

Embora a atualidade tenha levado consigo muito das tradições da cultura caipira de Capela do Alto, vemos que ainda existe uma resistência forte.

Isso fica ainda mais claro quando Geni, Maria, Rodrigo e Gabriel, todos partem de diferentes realidades e diferentes gerações respondem a mim que independentemente de qualquer organização ou financiamento, de alguma forma o povo nunca iria deixar a festa acabar, o que demonstra como a cultura caipira capelense ainda une toda a população, como um símbolo de resistência, sua identidade.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da elaboração do presente trabalho, foi possível constatar que as raízes culturais de Capela do Alto vêm sofrendo um intenso processo de modernização através principalmente da apropriação de seus símbolos para a comercialização voltada para a massificação cultural. Essa relação foi profundamente analisada na Tradicional Festa do Milho Verde, que tinha como raiz principal a confraternização da população, a elaboração de comidas típicas e apresentações artísticas locais e tradicionais.

A realização das entrevistas foi fundamental para trazer à tona a voz dos sujeitos, possibilitando de fato constatar que existem diferentes perspectivas geracionais positivas ou negativas em face da modernidade, além das diferentes perspectivas entre a população e os organizadores da festa.

Através das análises pautadas em referências bibliográficas relacionadas, buscou-se realizar uma exploração sobre a figura do caipira, seus modos de vida e estigmas que a sociedade urbana impõe sobre o mesmo e como isto condicionou e condiciona suas vidas.

As singularidades compõem a dimensão simbólica cultural, e uma forte expressão dessa relação é a tradicional Festa do Milho Verde, nela a população capelense deseja encontrar suas raízes. E diante das análises feitas, podemos dizer que encontrará, dependendo de quais são suas referências dessas raízes. Para os mais velhos, uma reunião de comunidade para comemorar a existência e o cotidiano de Capela do Alto, feita pelo próprio povo, com comidas, danças e músicas típicas. Para os mais jovens, uma festança com grande potencial lucrativo, que positivamente tem ajustado seu formato as novas vivências e necessidades modernas.

Por fim, embora os moldes da atualidade capitalista tenham modificado e se apropriado de grande parte da dimensão simbólica presente na cultura e na tradição capelense, o povo ainda resiste, perpetuando seus costumes de geração em geração, através da oralidade e da tradição, tomando parte na organização de eventos significativos para a comunidade, quando lhe é permitido. Assim, percebe-se que a cultura caipira está em constante convívio com a modernidade e sempre estará, pois compõe a singularidade desse povo.

5. REFERÊNCIAS

- ANDRADE, S. D. **O território da culinária caipira da Paulistânia: um modelo de regionalização**. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Instituto de Estudos Brasileiros, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2023.
- ARANTES, A. A. **O que é Cultura Popular? - Coleção primeiros passo**. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- BOSI, A. Cultura brasileira e culturas brasileiras, in: BOSI, A. **Dialética da Colonização**. São Paulo; Cia Das Letras, 1992.
- BRANDÃO, C. R.; STRECK, D. R. **Pesquisa participante: a partilha do saber**. São Paulo: Ideias & Letras, 2006
- CANCLINI, N. G. Festa e história: celebrar, recordar, vender. In: CANCLINI, N. G. **As culturas populares no capitalismo**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1983. (p. 112-132).
- CANCLINI, N. G. Introdução à edição de 2001. As Culturas híbridas em tempos de globalização. In: CANCLINI, N. G. **Culturas híbridas**. Estratégias para entrar e sair da modernidade. Tradução da Introdução: Gênese Andrade. São Paulo: EdUSP, 2006. (p. XVII-XLIII)
- CANDIDO, A. **Os parceiros do Rio Bonito: estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida**. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2010.
- CORREA, A. A. S.; QUINZANI, S. S. P.; PEIXOTO, D. V.; *et al.* **A tradição do milho: o ingrediente base da cozinha caipira e das festas juninas**. Santa Cruz do Sul; Ágora, v. 18, n. 1, p. 99-107, 2016. Disponível em: <<https://online.unisc.br/seer/index.php/agora/article/view/6917>>. Acesso em: 7 ago. 2022.
- CORRÊA, R. L. A Dimensão Cultural do Espaço: Alguns Temas. **Espaço e Cultura**, v. 0, n. 1, p. 1–22, 2022. 1 ago. 2022.
- CORRÊA, R. L. **Sobre a Geografia Cultural**. Rio Grande do Sul: Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, 2016. Disponível em: <<http://ihgrgs.org.br/artigos/contibuiacoes/Roberto%20Lobato%20Corr%C3%AAa%20-%20Sobre%20a%20Geografia%20Cultural.pdf>>. Acesso em: 07 ago. 2022.
- CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. A Geografia Cultural no Brasil. **Revista da Anpege**, v. 02, n. 02, p. 97–102, 2005. Disponível em: <<https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/anpege/article/view/6616>>. Acesso em: 19 set. 2022.
- DEMO, P. **Pesquisa participante: saber pensar e intervir juntos**. Brasília: Líber Livro, 2004.
- FERREIRA, A. C. “Vida (e Morte?) da Epopéia Paulista”, in Antonio Celso Ferreira; Tania Regina de Luca; Zilda Grícoli Iokoi. **Encontros com a História: Percursos Históricos e Historiográficos de São Paulo**. São Paulo, Unesp, Fapesp, Anpuh/SP, 1999, pp. 91-106.
- GAMALHO, N. P. Narrativas do espaço nas histórias de vida: os desafios das metodologias qualitativas na geografia. In: HEIDRICH, A. L.; PIRES, C. L. Z. (orgs.). **Abordagens e práticas da pesquisa qualitativa em geografia e saberes sobre espaço e cultura**. Porto Alegre: Editora Letra1, 2016. Disponível em: <<https://editoraleta1.com.br/epub/9788563800220/9788563800220.pdf>>. Acesso em: 01 ago. 2022.

GAMALHO, N. P. Oralidades. Os caminhos da pesquisa na produção do bairro Restinga, Porto Alegre. In: TETTAMANZY, A. L. L.; ZALLA, J.; D'AJELLO, L. F. T. (Orgs.). **Sobre as poéticas do dizer: pesquisas e reflexões em oralidades**. São Paulo: Letra e Voz, 2010.

GUTIERRES, V. A. **Capela do Alto: terra de memórias, histórias e esperança**. Guarulhos/SP: Editora Espaço Ideia, 2012.

HAESBAERT, R. Da Desterritorialização à Multiterritorialidade. In: **Anais do X Encontro de Geógrafos da América Latina**. Universidade de São Paulo: março, 2005. Disponível em: <<http://observatoriogeograficoamericalatina.org.mx/egal10/Teoriaymetodo/Conceptuales/19.pdf>>. Acesso em: 13 ago. 2022.

HAESBEART, R. **Des-territorialização e identidade: a rede “gaúcha” no Nordeste**. Niterói: EDUFF, 1997.

HEIDRICH, A. L. Método e metodologias na pesquisa das geografias com cultura e sociedade. HEIDRICH, A. L.; PIRES, C. L. Z. (orgs.) **Abordagens e práticas da pesquisa qualitativa em geografia e saberes sobre espaço e cultura**. Porto Alegre: Editora Letra1, 2016. Disponível em: <<https://editoraleta1.com.br/epub/9788563800220/9788563800220.pdf>>. Acesso em: 01 ago. 2022.

IBGE. **Capela do Alto- SP**. Cidades e Estados. Ibge.gov.br, 2021. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/sp/capela-do-alto.html>>. Acesso em: 7 ago. 2022.

LOBATO, M. **Urupês. Outros contos e coisas**. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1943.

MARIANO, N. F. **Fogão de lenha, chapéu de palha: As manifestações da cultura caipira em JAÚ (SP)**. Jundiaí, SP: Paco Editorial, 2011.

MIRANDA, E. **Fandango de Chilenas dos Irmãos Lara**. Arujá, SP: Editora Espaço Idea, 2013.

MITCHELL, D. **Não existe aquilo que chamamos de cultura: para uma reconceitualização da idéia de cultura em geografia**. Espaço e Cultura (Edição comemorativa 1993-2008). Rio de Janeiro: UERJ, NEPEC, 2008, p. 81-101.

OLIVEIRA, L. L. Do **Caipira picando fumo a Chitãozinho e Xororó, ou da roça ao rodeio**. REVISTA USP, São Paulo, n.59, p. 232-257, setembro/novembro 2003. Portal da Prefeitura de Capela do Alto. **Características de Capela do Alto**. Disponível em: <<http://www.capeladoalto.sp.gov.br/canais/caracteristicas-de-capela-do-alto>>. Acesso em: 7 ago. 2022.

SAINT-HILAIRE, A. Viagem a província de São Paulo. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. Da Univ. São Paulo, 1976.

SANCHES, B. S. **O fandango de chilenas e suas transformações no tempo**. Estudos Avançados, v. 31, n. 90, p. 307–321, 2017. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ea/a/Nh5sLbRhnMZCF5Snf999MsR/?lang=pt#:~:text=Assim%2C%20o%20fandango%20de%20chilenas,do%20Rio%20Grande%20do%20Sul.>>. Acesso em: 7 ago. 2022.

SANTOS, J. L. **O que é cultura**. São Paulo: Brasiliense, 2006, p. 110.

SÃO PAULO. **Secretaria de Agricultura e Abastecimento**. Coordenadoria de

Assistência Técnica Integral. Instituto de Economia Agrícola. Levantamento censitário de unidades de produção agrícola do Estado de São Paulo – LUPA 2016/2017. São Paulo: SAA/CATI/IEA, 2017. Disponível em:

<<https://www.cati.sp.gov.br/projetolupa/comocitarfontelupa.php>>. Acesso em: 10 ago. 2022.

SETUBAL, M. A. **Vivências caipiras: pluralidade cultural e diferentes temporalidades na terra paulista** São Paulo: CENPEC / Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2005.

SILVA, G. H. A; MARTINS, J. M. B. A História Oral Como Conhecimento Aplicado na Pesquisa em Geografia Cultural. In: **Anais do II Colóquio Nacional do NEER**. Universidade Federal da Bahia: fevereiro, 2007. Disponível em: <https://www.neer.com.br/anais/NEER2/Trabalhos_NEER/Ordemalfabetica/Microsoft%20Word%20-%20GustavoHenriqueAbreuSilva.ED3IV.pdf>. Acesso em: 26 set. 2022.